

Modernismo português em revistas

***A Águia* (1910-1932)** – Órgão da Renascença Portuguesa – Porto – Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Adolfo Casais Monteiro – gerou o **movimento saudosista**

Em 1912, Pessoa publica ali três artigos sobre a nova poesia portuguesa, aquele intitulado «A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada», um outro intitulado «Reincidindo...», e um terceiro «A nova poesia portuguesa no seu aspeto psicológico».

- No primeiro deles, Pessoa, considerando que o período elisabetano inglês e o romantismo francês caracterizaram-se pela novidade, elevação e grandeza, ressalta a necessidade do espírito nacional na literatura e procura tais elementos no momento que lhe é coevo em Portugal, encontrando-os em Guerra Junqueiro (“Os simples”, “A pátria”, “Oração à luz”) e em Pascoais (“Vida etérea”)

É que os característicos que acabamos de descobrir no nosso actual movimento poético indicam, absolutamente, a sua analogia com as literaturas inglesa do primeiro, e francesa do segundo período, e, portanto, impõem que se conclua daí a fatal analogia com as épocas de que aquelas literaturas são representativas.

A analogia é absoluta. Temos, primeiro, a nota principal da completa *nacionalidade e novidade* do movimento. Temos, depois, o caso de se tratar de uma corrente literária contendo poetas de indiscutível valor. E note-se — para o caso de se argumentar que nenhum Shakespeare nem Vítor Hugo apareceu ainda na corrente literária portuguesa — que esta corrente vai ainda no princípio do seu princípio, gradualmente, porém, tornando-se mais firme, mais nítida, mais complexa. E isto leva a crer que deve estar para muito breve o inevitável aparecimento do poeta ou poetas supremos, desta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões. Quem sabe se não estará para um futuro muito próximo a ruidosa confirmação deste deduzidíssimo asserto?

Pode objectar-se, além de muita coisa desdenhável num artigo que tem de não ser longo, que o actual momento político não parece de ordem a gerar génios poéticos supremos, de reles e mesquinho que é. Mas é *precisamente por isso* que mais concluível se nos afigura o próximo aparecer de um supra-Camões na nossa terra. É precisamente este detalhe que marca a completa analogia da actual corrente literária portuguesa com aquelas, francesa e inglesa, onde o nosso raciocínio descobriu o acompanhamento literário das grandes épocas criadoras. Porque a corrente literária, como vimos, *precede sempre a*

corrente social nas épocas sublimes de uma nação. Que admira que não vejamos sinal de renascença na vida política, se a analogia nos manda que o vejamos apenas uma, duas ou três gerações *depois* do *auge* da corrente literária?

Ousemos concluir isto, onde o raciocínio excede o sonho: que a actual corrente literária portuguesa é completa e absolutamente o princípio de uma grande corrente literária, *das que precedem as grandes épocas criadoras das grandes nações de quem a civilização é filha.*

Vida Portuguesa (1912-1915) – Órgão da Renascença Portuguesa – Porto – Jaime Cortesão

Orpheu (1915) – Lisboa – Luís de Montalvor, Ronald de Carvalho, Antônio Ferro, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Antônio de Almada Negreiros – gerou o **orfismo, primeira geração do modernismo português**, promovido pela chamada Geração de Orpheu

Seara Nova (1921- atualidade) – Lisboa – Raul Proença, Antônio Sérgio, Jaime Cortesão, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro – fortemente antissalazarista, será a matriz do **neorrealismo**, a **terceira fase do modernismo português** (Alves Redol [Gaibéus, 1939], Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca etc.)

Presença (1927-1938/1939-1940) – Coimbra - José Régio, Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, Miguel Torga etc. Fernando Pessoa e Antônio Botto tiveram textos aqui publicados. A revista gerou o movimento presencista, ou **presencismo**, como ficou designada a **segunda fase do modernismo português**.

A quarta fase do modernismo português é o **surrealismo** (Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Herberto Helder etc.). O primeiro grupo organizado, o Grupo Surrealista de Lisboa, surgiu em 1947, e o segundo, “Os Surrealistas”, resulta de uma dissidência desse grupo 1949. Não tiveram nenhum periódico que os representasse.

O **Partido Comunista Português** surgiu em 1921 e em 1929 entra na clandestinidade, por conta da ascensão de António de Oliveira Salazar ao poder, sendo que em 1930 inicia-se a ditadura do Estado Novo.

OS PROGRAMAS ESTÉTICOS DE FERNANDO PESSOA

- Segundo Georg Rudolf Lind, em “Duas tentativas para o aperfeiçoamento do simbolismo: o paulismo e o interseccionismo”, o primeiro programa estético de Fernando Pessoa, o **Paulismo**, surge antes dos heterônimos (daí Pessoa relacioná-lo à poesia escrita sob seu próprio nome). Segundo Pessoa: “O paulismo pertence à corrente **cuja primeira manifestação nítida foi o simbolismo** [...] o paulismo é um enorme progresso sobre todo o simbolismo e neo-simbolismo de lá-fora”. O poema **“Impressões do crepúsculo” (ou “Pauis”)** seria seu exemplo mais claro.
- Sá-Carneiro irá considerar a **Sagrada Família de Gaudí** como uma “catedral páulica”, “uma catedral de sonho, vista noutros países, noutras intersecções”.
- o segundo programa, o **Interseccionismo**, surge concomitante aos heterônimos, em julho de 1914, sendo seu poema programático **“Chuva oblíqua”** (ora atribuído a Álvaro de Campos, ora a ele mesmo).
- Segundo João Gaspar Simões, o interseccionismo representa uma **tentativa de Pessoa de transpor para a literatura o Cubismo e o Futurismo**.
- **“Chuva oblíqua”**, escrito em junho de 1914 e publicado em 1915 no segundo exemplar da revista *Orpheu*, é o poema programático do Interseccionismo.
- Segundo Georg Rudolf Lind, o Interseccionismo não foi uma doutrina cuidadosamente formulada, como o futurismo de Marinetti, mas apenas uma técnica de composição cujas características só podem ser avaliadas pelos poemas que lhe serviram de exemplo.
- «O **Sensacionismo** difere de todas as atitudes literárias em ser aberto, e não restrito. Ao passo que todas as escolas literárias partem de um certo número de princípios, assentam sobre determinadas bases, **o Sensacionismo não assenta sobre base nenhuma** [...] Assim, ao passo que qualquer corrente literária tem, em geral, por típico excluir as outras, **o Sensacionismo tem por típico admitir as outras todas**. Assim, é inimigo de todas, por isso que todas são limitadas. **O Sensacionismo a todas aceita, com a condição de não aceitar nenhuma separadamente.**» (Fernando Pessoa, in *Páginas Íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa: Ática, s/d, p. 159).

PAUIS

Pauis que roçarem ânsias pela minha alma em ouro. . .
Dobre longínquo d'Outros Sinos. . . Empalidece o louro

Trigo na cinza do poente. . . Corre um frio carnal por minha por minha alma. . .
Tão sempre a mesma, a Hora!. . . Balouçar de cimos de palma!. . .
Silêncio da parte inferior das folhas, outono delgado
D'um canto de vaga ave. . . Azul esquecidos em estagnado. . .
Ó que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!. . .
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora?. . .
Estendo as mãos para Além, mas no estender delas já vejo
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo. . .
Címbalos de imperfeição. . . Ó tão antiguidade
A hora expulsa de si-Tempo!. . . Onda de recuo que invade
O meu abandonar-me a mim-próprio até desfalecer
E recordar tanto o eu presente que me sinto esquecer. . .
Fluido de auréola transparente de Foi, oco de ter-se. . .
O mistério sabe-me a eu ser outro. . . Luar sobre o não conter-se. . .
A sentinela é hirta, a lança que finca no chão
É mais alta que ela. . . P'ra que é tudo isto. . . Dia chão. . .
Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os aléns!
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro!
Fanfarras de ópios de silêncios futuros!. . . Longes trens!. . .
Portões vistos longe, através das árvores, tão de ferro!. . .

23-03-1913

Poesias. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995).

1ª publ. in *Renascença*. Lisboa: Fev. 1924

CHUVA OBLÍQUA

I

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...
O porto que sonho é sombrio e pálido
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...
O vulto do cais é a estrada nítida e calma
Que se levanta e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores
Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...
Não sei quem me sonho...
Súbito toda a água do mar do porto é transparente
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse desdobrada,
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele porto,
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma...

8-3-1914

«Chuva Oblíqua». Poesias. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995).
- 27.

Fonte: Arquivo Pessoa - <http://arquivopessoa.net/textos/835>